

Suplemento Cultural

Nº 38

CMP 2.1.7.255

Venerável madre Maria Theodora

Roberto Machado Carvalho

No último dia 18 de fevereiro, em solenidade realizada no Vaticano, o papa João Paulo II aprovou decreto declarando VENERÁVEL da igreja católica a notável religiosa e educadora MADRE MARIA THEODORA VOIRON, que durante 66 anos de sua longa existência de 90 anos exerceu papel destacado na evolução do ensino e da assistência social em São Paulo. Neste trabalho, o Prof. Roberto Machado Carvalho, autor do livro A GLORIFICAÇÃO DA SERVA DE DEUS, Itu, 1982, 287 páginas, traça um perfil da vida e obra de madre Maria Theodora e dos principais aspectos do processo de sua beatificação e canonização.

O decreto aprovado por S. Santidade João Paulo II, na manhã do dia 18 de fevereiro, na presença do cardeal D. Péricles Felici, prefeito da Congregação para as Causas dos Santos, do cardeal brasileiro D. Agnelo Rossi e de outros dignitários da Igreja, reconhece as virtudes da Serva de Deus Maria Theodora Voiron, religiosa da Congregação das Irmãs de São José, de Chambéry, França, em grau de heroicidade. Trata-se de um importante passo para a esperada elevação da pioneira da educação feminina e da aplicação de avançados métodos de assistência social em terras paulistas, à glória dos altares.

Filha de um modesto casal de lavradores da pequena Chambéry, Departamento de Savoie, França, Claude e Cathérine Voiron, Luiza Josephina, seu nome de batismo, nasceu aos 6 de abril de 1835. No dia seguinte era batizada na igreja de Notre Dame, matriz do lugar. Ao completar três anos, uma febre alta preocupou seus pais. Os médicos consideraram caso perdido. Desesperados, levaram a menina ao santuário de Nossa Senhora de Myans, padroeira da Savoie, situado a nove quilômetros de Chambéry. Pedem à Virgem que salve a criança. Ao retornarem, notam sensíveis melhoras e, dias depois, Luiza brincava normalmente.

Crescendo num lar rigorosamente cristão, a garota aprendia, com sua mãe, as primeiras letras, as noções de catecismo e algumas prendas domésticas. Desde esse tempo, floresce na menina a vocação religiosa. Frequenta a matriz de Chambéry, onde acompanha todos os atos litúrgicos. Aos nove anos, precocemente, recebe a primeira comunhão. Inicia, então, uma longa vida de orações e da prática de acrisoladas virtudes. Aos dez anos fica órfã de mãe. Assume, com o pai, as responsabilidades do lar, dividindo o tempo entre as tarefas caseiras, os cuidados com as duas irmãs e dois irmãos menores e a frequência às aulas do Externato das Irmãs de São José. Inteligente, estudiosa, esmerada educação, pronta a ajudar os que dela se aproximavam e leitora de biografias de missionários e santos, chama a atenção das mestras e colegas da escola.

As segundas núpcias do pai

apressaram a decisão de Luiza. Ingressa no noviciado de Chambéry da Congregação das Irmãs de São José. Jovem, 17 anos, prezada e bonita, havia recusado vários assédios de namoro e até proposta de casamento. Sua atitude era irrevogável, mormemente após a confissão com um sacerdote jesuíta que segredou-lhe: "Nosso Senhor a chama à vida religiosa". Mais tarde, escreveu que "estava pronta a todos os sacrifícios a fim de responder ao apelo do Divino Mestre. A oração era minha força". No dia 2 de fevereiro de 1853, aos 18 anos, recebe o hábito da Congregação e o nome religioso de irmã Maria Theodora. Já no ano seguinte, dava provas de total desprendimento. Numa aldeia próxima, grassa uma epidemia de cólera. Dirige-se para lá. Destemida, trata dos doentes e conforta os agonizantes. Voltando à Casa Mãe, cuida das crianças de uma escola gratuita, dos doentes e desamparados que batem às portas do Convento. Logo é promovida a diretora do Externato, dando início a uma futura e admirável capacidade de administrar. Humilde e caridosa, gosta de executar simples trabalhos manuais, como costura e culinária, vestindo e alimentando os necessitados.

Chegamos ao ano de 1856. O notável bispo de São Paulo, D. Antônio Joaquim de Melo, natural de Itu, a dezessete léguas da capital, deseja fundar um Colégio para meninas. Conhecia bem alguns sacerdotes capuchinhos franceses que trabalhavam no Seminário Episcopal de São Paulo. Itu, centro agrícola de cana de açúcar e café, com oito mil habitantes, é escolhida para a fundação. Pede ao sacerdote frei Eugênio de Rumilly, reitor do seminário, que transmita à superiora de Chambéry, seu desejo de receber algumas irmãs para iniciar as atividades do Colégio. prontamente atendido, sete missionárias deixam o porto do Havre com destino ao Brasil. Na altura de Cabo Frio, RJ, gravemente enferma, falece a irmã superiora. Em Chambéry, aquela triste notícia significava o envio de uma substituta. Um chamamento divino advertiu a irmã Maria Theodora: "Es tu que deves partir!". Às vésperas da escolha da nova missionária, fecha-se em orações. Naquela comunhão com Deus, ouve distintamente uma voz: "É preciso que sejas sacrificada para a minha glória!". E logo em seguida: "Acolhi teus desejos, o Brasil será teu campo de batalha; lá é que eu quero teu espírito, teu coração, teu corpo!". A confirmação veio horas depois. Amanhecia o dia 29 de março de 1859, cento e trinta anos decorridos. Irmã Theodora, prestes a completar 24 anos, embarca com destino ao Brasil, mais precisamente a São Paulo. Uma antiga mestra e conselheira a acompanha. Após 54 dias de uma tormentosa viagem, a nau "Petrópolis" chega ao Rio de Janeiro, trazendo as duas religiosas. Hospedam-se na Santa



Madre Maria Theodora aos 60 anos de idade. Foto de 1895

Casa. Cinco dias depois embarcam rumo a Santos, onde são acolhidas pelo dr. Joaquim Octávio Nébias, o conselheiro Nébias, ex-juiz de direito da comarca de Itu. Acomodadas numa liteira, transpõem a Serra do Mar e alcançam São Paulo, onde são recolhidas no Convento da Luz. A viagem para Itu é feita em carro de bois. Finalmente, a 15 de junho daquele ano são, festivamente, recebidas em Itu. "É uma criança, uma criança que faremos com uma criança!", foram as exclamações do bispo D. Antônio, ao deparar com a nova superiora. Alguns meses e aquela surpresa foi dissipada. Em sua correspondência, o prelado anotou qualidades excepcionais na jovem religiosa: "sensatez, discrição, prudência, bom-senso e condescendência". E a primeira grande demonstração daquelas virtudes iria acontecer cinco meses depois da chegada a Itu, dia 13 de novembro de 1859. Inaugurava-se o Colégio "N. Sra. do Patrocínio", ao lado da velha igreja construída no tempo do padre Jesuino do Monte Carmelo, datada de 1819. Em terreno fértil, lançava-se a semente da grande obra da religiosa. A então província de São Paulo atravessava um período de efervescência econômica com a expansão da lavoura cafeeira. Era preciso complementá-la com a educação das jovens filhas de fazendeiros e capitalistas das cidades. Havia ainda o problema da escola para as filhas de escravos e crianças órfãs e abandonadas. A carência de recursos médicos também era frequente; as Santas Casas iniciavam suas atividades, muitos doentes e idosos viviam perambulando pelas ruas e becos. Tudo isso atormentava a forte personalidade da educadora francesa. Procurava compreender a dimensão daquela advertência de Chambéry: "O Brasil será teu campo de batalha". Coloca-se então a campo, levando as armas da bondade, caridade, fé e esperança, colocando todas as suas ações e sacrifícios sob a proteção divina, da Virgem Santíssima e de seu querido São José.

Todas as observações e trabalhos são contados em cuida-

doso diário, servindo de assunto para as cartas que começa a escrever. As primeiras são dirigidas à madre Maria Felicidade Veyrat, superiora geral, em Chambéry, amiga e conselheira. A correspondência vai num crescendo, somando mais tarde, às inúmeras cartas que redige para as religiosas da Congregação, as que envia para as autoridades da província, alunas, ex-alunas e amigas do Patrocínio, casas de assistência, doentes etc. São verdadeiras crônicas sobre os costumes da sociedade paulista da segunda metade do século XIX. Uma delas, datada de 1860, registra o funcionamento de uma classe para as filhas de escravas: "26 delas vêm todas as tardes aprender o catecismo e o trabalho manual. É me impossível descrever-lhe a ventura que experimento cuidando destas pobres escravas". Noutra, anota que o único luxo do Colégio recém-inaugurado são as janelas envidraçadas, "o que aqui é coisa rara". Em 1863, abre, junto ao Patrocínio, um orfanato gratuito, recebendo dezesseis meninas órfãs, seguido de um Externato para crianças abandonadas. Não tem limites o afeto maternal da irmã Maria Theodora. Nem tudo, porém, corria a contento para a superiora. O anticlericalismo pairava no meio escolar. Intrigas eram frequentes. Uma delas, indispos a irmã Theodora com a Casa Matriz de Chambéry, insinuando que era seu desejo separar a missão brasileira da Congregação. Nada mais falso. A religiosa, porém, precisou, com enormes sacrifícios, viajar a Chambéry para desfazer qualquer dúvida quanto à sua fidelidade. Ao longo do tempo visitou mais cinco vezes a Casa Mãe e em todas elas trazia novas irmãs para ajudá-la na grande obra que estava semeando em São Paulo.

Um grupo de irmãs, sob a supervisão da superiora, já cuidava da Santa Casa de Misericórdia de Itu, inaugurada em 16 de junho de 1867. Três anos depois, as irmãs de São José assumem a direção do Seminário das Educandas de "N. Sra. da Glória", na capital da província; o estabelecimento recebia crianças pobres e órfãs, filhas

de militares mortos na Guerra do Paraguai. Em 1874, irmã Maria Theodora é nomeada Superiora Provincial no Brasil. Humildemente recebe a nomeação, anotando: "Ouso esperar da infinita misericórdia do Bom Mestre que ele continue em favor de sua indigna serva e desta obra, que é toda de seu divino coração...". No mesmo ano, após entendimentos com Antônio da Silva Prado, barão de Iguape, provedor da Santa Casa de São Paulo, assume, em nome da Congregação, a supervisão dos serviços do Hospital, designando diversas e abnegadas irmãs, recém-chegadas da França. Em 1876 é a vez da Santa Casa de Campinas ser atendida pela superiora, que providencia, ao lado, uma casa para acolher órfãs e meninas pobres. Depois, é Taubaté, no então distante Vale do Paraíba. Como sempre, madre Maria Theodora acompanha as irmãs pioneiras e toma todas as providências. Segue o Externato São José na rua da Glória, Capital, em maio de 1880. Cinco anos depois, inaugura-se o Asilo dos Inválidos, próximo ao Externato. Em outubro de 1888, madre Maria Theodora, viajando por estrada de ferro, chega a Franca para inaugurar o Colégio "N. Sra. de Lourdes", entregue aos cuidados da Congregação. Em São Paulo, instala-se na avenida Angélica, o Colégio "Sagrado Coração de Maria", depois transferido para o alto de Sant'Ana, dando origem ao Colégio Sant'Ana. Em 1893, madre Maria Theodora acompanha as irmãs que vão instalar o Colégio "N. Sra. d'Assunção", em Piracicaba. Logo depois, novamente em São Paulo, é aberto o Asilo dos Expostos, no bairro do Pacaembu, para receber crianças abandonadas. Quase ao final do século, as irmãs assumem os serviços do Hospital "Santa Isabel" de Taubaté e, em seguida, o Asilo "São Francisco", para os idosos desamparados e inválidos. Em 1901, o Colégio São José, de Jaú. Em 1905, a Congregação assume os encargos do Hospital Guapira, Capital, para os leprosos. Foi uma das "meninas dos olhos" de madre Theodora. Também na Capital abre-se o Externato "Santa Cecília", na rua Martim Prado, mais tarde, Escola de Enfermagem. Em 1915, Pindamonhangaba entrega sua Santa Casa aos cuidados da Congregação.

Estas pinceladas da obra de madre Maria Theodora em nosso meio tiveram o respaldo de sua enorme capacidade de ação, discernimento em escolher a melhor solução para as dificuldades e acima de tudo, aquela força que, desde criança, soube manejar a oração. Além disso, a magnitude das virtudes morais, teológicas e religiosas que praticava, faziam dela o alvo da admiração e respeito das famílias e da sociedade paulista. Conservando, mesmo nas maiores adversidades, um espírito forte e resistente, foi possível à madre Theodora, com a inestimável colaboração de suas ir-

mãs de hábito e após quase setenta anos, realizar uma notável obra filantrópica e educativa, construída sobre a solidez de sua própria sabedoria: "no cumprimento do dever, dar preferência ao que mais custa", e na humildade de sua conduta: "façamos o maior bem que pudermos, da maneira mais oculta possível". As virtudes, hoje proclamadas heróicas, ficaram ainda mais evidentes quando, aos 85 anos, sofreu uma queda. Ao receber a notícia médica de que não mais poderia andar, exclamou: "Meu Deus, não quero meu alívio, nem minha vontade, mas unicamente a Vossa". A seu pedido, deixou o cargo de provincial para viver o martírio de cinco anos. Ao falecer em Itu, aos 17 de julho de 1925, era conhecida sua fama de santidade. A partir daí, aumentaram as manifestações de pessoas que recebiam graças pela intercessão de madre Maria Theodora. No Patrocínio de Itu, sob a direção da nova provincial, madre Josephina d'Anunciação Gex, chegou cartas contando as graças. Desde 1935, o pequeno jornal "Vozes do Patrocínio", passa a divulgá-las. Mais de quinze mil foram registradas, procedentes de quase três mil cidades do Brasil e do Exterior. São endereçadas ao Patrocínio, praça Regente Feijó, 172, Itu, CEP 13300.

Da correspondência entre a provincial madre Josephina e o arcebispo de São Paulo, D. Duarte Leopoldo e Silva, nasceu o processo ordinário e apostólico de beatificação e canonização de madre Maria Theodora. Em 1942 é oficializado pela Igreja, com a instalação do Tribunal Eclesiástico. Quase duzentas testemunhas nas duas fases do processo prestaram depoimentos. Entre os mais importantes eventos do processo destacamos: o decreto de aceitação da causa, assinado pelo papa Paulo VI, em 10 de dezembro de 1964, o encerramento do processo em São Paulo (1970) encaminhado ao Vaticano em 1971, a grande campanha nacional que resultou numa mensagem subscrita por cinquenta mil pessoas e entregue ao papa João Paulo II, por ocasião de sua visita ao Brasil, em junho de 1980, e o recente decreto de reconhecimento da heroicidade das virtudes (fev./89).

Segundo as normas do Direito Canônico, reformado em 1983, para a beatificação - culto público nos locais de nascimento, vida e falecimento - é necessário o reconhecimento de um milagre. Repete-se a exigência para a canonização, isto é, culto público universal.

Desde 1971 até dezembro de 88, mais de duzentas e cinquenta mil pessoas já visitaram o túmulo de madre Maria Theodora no cemitério da Comunidade do Patrocínio, em Itu. No antigo Colégio, a memória da futura santa é zelosamente preservada num museu. VENERÁVEL MADRE MARIA THEODORA, insigne educadora de São Paulo.

A chácara e a rua Maria Antonia

Dulio Crispim Farina

Afonso de Freitas recorreu que em 1822 era S. Paulo pequena cidade, quase aldeia, de âmbito acanhado e de ruas pouco extensas, estreitas, tortuosas, onde movia-se uma população que o alistamento censitário levado a efeito nos últimos meses daquele ano informava, com segurança, elevar-se apenas a 6.920 almas.

No recenseamento da chamada "cidade nova" entrava a zona atual da rua 7 de Abril até a chácara do tenente-general José Arouche de Toledo Rendon. Para além da ponte do Lorena desdobravam-se os bairros dos Piques que era toda a extensão correspondente à atual rua da Consolação, Pinheiros, Emboacava e Piraçuara, com o total de 157 fogos e 767 habitantes (in "Reminiscências Paulistas", de Afonso de Freitas).

Nuto Sant'Anna informa que pelas alturas de 1751 o caminho de Pinheiros ou do Sertão era o caminho do Aniceto, a englobar a atual rua da Consolação. O nome atual, oficialmente, só aparece a 23 de novembro de 1803, ao se dirigir o Senado da Câmara ao governador da Capitania, Antonio José de França e Horta: "Os moradores da rua Nossa Senhora da Consolação, pela falta que experimentam da água que o excelentíssimo antecessor de vossa excelência, Antonio Manuel de Melo Castro e Mendonça, concedeu ao mesmo povo pela oferta que fez a Câmara a nossos predecessores; e como de presente se acham preteridos deste benefício, cuja água se acha pendente ao rego real, por cujo motivo não temos jurisdição de dar a necessária providência; só vossa excelência, cujos potenciais vistos somente se encaminham ao bem público, pode determinar aquilo que lhe parecer mais justo, e de razão, a preciosa vida de vossa excelência guarde Deus por muitos anos". Quatro meses depois dessa representação, já com nova Câmara em exercício, França e Horta responde ao apelo informando que consultara sobre o assunto o sargento-mor Joaquim José Pinto e o doutor Miguel Carlos e, pelos entendimentos com o regente do Convento da Luz, haviam chegado à conclusão de ser possível o fornecimento d'água aos moradores do "Sítio de Nossa Senhora da Consolação", mediante o expediente de captação no rego que, percorrendo enorme distância, ia abastecer aquele convento. Para tanto, o governador aconselhava chumbar-se "um cano de ferro em uma

pedra, por onde se tire a água, e com um toco de pau se tape".

A via da Consolação tinha início no Anhangabaú, na altura em que se construiu a ponte do Lorena. Este local recebeu melhoramentos, em 1814, devidos ao engenheiro militar Daniel Pedro Muller, na gestão de um governo provisório integrado pelo bispo D. Mateus de Abreu Pereira, pelo ouvidor Nuno Eugênio de Lócio e Seilbeiz e pelo intendente da Marinha Miguel José de Oliveira Pinto. Surgiram o chafariz e a pirâmide comemorativa e a ladeira que contorna o velho obelisco recebeu naturalmente o nome "da Memória". Coube também a Pedro Muller reabrir o caminho de Pinheiros. Nesses decênios iniciais do século XIX, a Consolação avançava entre chácaras e terrenos abertos, reunos ou realengos, no dizer do tempo. A essa altura, à esquerda de quem subia, ficava a chácara de Martinho Prado, onde nasceu Eduardo Prado. O solar da família foi demolido neste século após ter sido o Recolhimento das Educandas.

Um edital de 20 de setembro de 1831 nos fornece elementos, dizendo que em tal data a Câmara Municipal abre concorrência para "melhoramentos de uma fonte que existe na rua da Consolação por de trás da chácara do sargento-mor José Manuel da Silva". Em 1852, nas cogitações de primeiro cemitério público de S. Paulo, Carlos Rath indicou uma área que lhe parecia mais adequada, o "alto da Consolação, lugar bastante afastado da cidade e sem moradores". Contradiçava a localização no Campo Redondo, onde existiu o largo Guaiuanases, hoje praça Princesa Isabel. Este logradouro se achava cercado de ruas densamente habitadas, convindo melhor, para o objetivo que se tinha em vista, um local bem mais distante do centro urbano.

É de 1897 o arruamento da Consolação, segundo a "Planta Geral da Capital de S. Paulo", organizada sob a direção do dr. Gomes Cardim. Entretanto, vastos descampados, largos vazios, a denotar grave interrupção, na construção urbana, medeavam entre os cemitérios do Araçá e da Consolação.

Moreira Pinto viu a rua da Consolação, no início do século "pouco larga, extensa, tortuosa, algum tanto plana no princípio, em ladeira depois e quase plana no fim". Já era percorrida em toda sua extensão por linha de bondes e dava informes em sua "A Cidade de S. Paulo", em 1900, de que servia de acesso ao Velódromo



Rua Maria Antonia (ainda no século passado)

Paulista, o Seminário da Glória, à Matriz da Consolação, aos Cemitério Velho, Hospital do Isolamento e lacetos do dr. Nicolau Queiroz e Sr. Antonio Queiroz.

O Barão de Ramalho, longo desapareceu com 93 anos, diretor ainda da Faculdade de Direito de S. Paulo, em sua morada, na Consolação. Estava já, na rememoração de Aureliano Leite, "muito velhinho com a barba unida ao cabelo, assim como uma pasta de algodão a enrodilhar-lhe o rosto liberto de outros pêlos, exclusivos da sobrançelhas basta e branca".

Aureliano lembrou-o e ao seu tempo: "Todas as vezes que percorro a rua da Consolação, e observo na antiga vivenda do Barão Ramalho aquelas duas velhinhas octogenárias, sua filha e sua enteada, a coçar para a rua, por entre as vidraças e os meios das cortinas de filó, a imaginação se me retrotraí meio século. E vejo então o titular no apogeu de sua merecida consideração".

Viu também "o casarão, de que podaram os beirais largos, para o armarem da quala platibanda que lhe italianizou o aspecto". Evoca usos e costumes, recepções do antanho: "as honras da casa competem à baronesa. Suas filhas, moças e naturalmente bonitas, vêm para os salões deleitar as visitas. Faz-se música e recita-se ao compasso da Dália. Conversa-se, por sussurro, na moda sempre exagerada, na heresia do tempo, nos trabalhos dos republicanos e abolicionistas. As pessoas mais graves murmuram entre si coisas que nem todos podem ouvir..."

Relembra a "rua limosa que, uma ou duas vezes por semana, demanda um entorço, o esquisse quase sempre conduzido à mão. Chegavam ao solar, da mataria semivirgem, que se emenda ao terreno e à horta, e de que ainda resta pequena

parte, trinos e pios da pas-sarada silvestre. A aragem traz também o cheiro acre da floresta". Fora, na rua, a pasmacieira de uma cidadinha morta do interior.

"A via estreita, mais uma estrada (saída para S. Roque), sobe em curvas o morro do Chá, rumo ao cemitério novo, o Consolação. Aquém da necrópole, à mão direita, torce o caminho (hoje talvez rua Maria Antonia), o qual leva aos campos de trás - atual Higienópolis (1), que Ramalho comprara por três contos a Guilherme Maxwel Rudge (2), e mandara valar e cercar."

Dessa entrada da rua Maria Antonia destinou campo para o pasto de seu cavalião de sela: "era aquele que, para fazer um pouco de equitação e dar uma vez por outra, o percurso até a Academia, ou ao palácio, quando o Marquês de Três Rios rogava o seu concurso nalgum caso esdrúxulo".

A partir da venda do pasto (apud Aureliano Leite), "por cuja uma fração Nothermann e Burchard lhe pagaram 300.000\$ (e mais pagariam se o Barão não achasse a oferta, a princípio, brinde de mau gosto), veio a transformação que agarrava S. Paulo e não a largará enquanto lhe não mudar a fisionomia, traço por traço".

Em "Retratos a Pena", nova série, Aureliano Leite evoca o barão de Ramalho, Joaquim Inácio Ramalho, em suas negociações com Nothermann e Burchard, valendo-se das narrativas de Duarte de Azevedo e Ezequiel Ramos: "Após a simples palavra dada, vieram outros pretendentes oferecer mais 50.000\$, alegando não estar a escritura ainda passada". E o grande mestre: "Sei que, por direito, poderia arreprender-me, mas para mim, para a minha consciência, o terreno está vendido..." Belos tempos do simbólico fio de barba!

Em 1923 o dr. Álvaro Lemos Torres (mais tarde pro-

fessor da Escola Paulista de Medicina) adquiriu um casarão, de boa construção na Consolação, 63. Ulysses Lemos Torres, seu filho e também médico, recorda que "no segundo lance do quintal, estavam as árvores, restos do antigo pomar da Chácara da Baronesa de Ramalho. Além das três jabuticabeiras - sabará, via-se a árvore de pitanga, do cambuci, do jumbo, de cambuçá, e da cheirosa mexerica que me serviria mais tarde também para disfarçar o cheiro de fumo. Havia ainda muitas árvores menores como as da cabeludinha, do araçá, etc."

Em verdadeira crônica, parágrafos de "Na Passarela do Tempo", descreve os locais: "Pulando-se o muro dos fundos caia-se num grande terreno baldio que saía na rua Florisbela, hoje Nestor Pestana, onde ainda se via o antigo velódromo; mais além, descia-se por uma barroca em que havia uma nascente onde os pobres lavavam roupa e iam buscar água; era o Moringuinho, onde hoje passa a Avenida Nove de Julho; na frente estendia-se a rua da Consolação, cujo começo se via da porta de casa, e onde terminava a Xavier de Toledo destia-se para o Largo dos Piques".

Rua Maria Antonia

Maria Cecília Nacério Homem enfatizou, com oportunidade, ter sido o caminho de Pinheiros "rota religiosa a exemplo do Caminho da Penha". A Igreja da Consolação recebia a imagem de N. S. do Monte Serrate da Capela de Pinheiros, chegada em procissão.

Do Caminho de Pinheiros, pouco antes de chegar ao Cemitério se bifurcava "a estrada do Pacaembu de Cima, que cortava os terrenos de d. Maria Antonia e corria em direção ao Vale do ribeirão Pacaembu, chegando até as Perdizes; antes de descer para o Vale, encontrava a Estrada das Boiadãs, atual Rio de Janeiro".

Maria M. Homem bem referiu: "Em breve o nome dessa senhora estendeu-se ao trecho que passava por sua chácara, denominando-se rua Maria Antonia". O velho atalho ou "subida para a Serra" no Almanaque Seckler de 1880, que insere notícia de que "o arbalde Pacaembu prosperava a olhos vistos, pois que ali já havia a propriedade de d. Maria Antonia".

D. Maria Antonia da Silva Ramos (1815-1902) era filha do barão de Antonina (3), próspero homem de negócios, que chegou a senador do Império. Foi casada com o tenente-coronel Mariano José Ramos; um dos filhos do casal foi presiden-

te da Câmara de S. Paulo. Residia dona Maria Antonia na rua de S. João, quase esquina com a rua Ipiranga e "usava aquelas terras para pomar e pasto de seus cavalos que eram levados até ali por seus escravos". Segundo a autora do "Bairro do Higienópolis", a propriedade, de datas de terras, ficava entre as atuais ruas da Consolação, Maria Antonia, Veridiana e Major Sertório.

Documento de 1.º de março de 1753 fala-nos da antiga Sessmaria do Pacaembu, doada por Martin Afonso de Souza aos padres Jesuítas em 1501. Ficava a oeste do pequeno núcleo urbano, no local denominado Campo Largo. Em 1753, quando os padres arrendaram aquelas terras a João Ferreira Braga, eram assim especificados os seus limites: "Um sítio de terras no Pacaembu, começando na estrada que vai para os Pinheiros, a entestar com o córrego do defunto João Dias (Córrego Água Branca) e para a parte do Caminho do Mboacava, até a paragem do córrego Pacaembu preço de 1:640\$0000 cada ano..." (4)

O Pacaembu de Cima foi pertença de Tomás de Molina, cuja casa ficava onde está hoje o Asilo Sampaio Vianna, antigo Asilo Wanderley. Em 1877 foi adquirido por Joaquim Floriano Wanderley, até que em 1895, vindo a falecer, os herdeiros do espólio venderam uma parte para Martinho Burchard, parte do bairro Higienópolis.

Terras cobertas de matos virgens, vinham até o caminho de Pinheiros onde se limitavam com as do barão de Ramalho. (5)

No início do século erigiram-se junto à Consolação poucas realizações arquitetônicas de envergadura. Algumas construções já da "belle époque" por numerosos elementos, recordavam, e de modo particular pelo desenho das janelas, o renascimento italiano, conjugados a um alpendre lateral que denotava a baixa influência local, de raízes portuguesas. Outras casas residenciais, como na Vila Buarque, e Maria Antonia, eram antes obra de "muratori" e "capomastri" italianos, fazedores de residências térreas, com pórtico a repetir os cômodos da casa inteira, no alinhamento das ruas. (5)

Avenida Burchard, primeiro nome da avenida Higienópolis, congloubou Prados, Penteados e os ramos advindos de parentesco Ramos, Uchoas, Mendonças etc. A Maria Antonia abrigava fazendeiros, comerciantes, profissionais liberais, a alta burguesia. Certa César (Ascanio e outros), Rudge Ramos, Parada

de Oliveira, Melo Franco, Salvador Toledo Piza, os Correia, este e mais aqueles, erguem moradas, jardins e casa-apalacetada, ou mansões, casarões de um tempo com vastíssimos quintais, quase chácaras, com arvoredo e passarada, plantas frutíferas, enfeite e bom gosto. Todas têm viveiros para pássaros, tanques e riachos artificiais e pequenos lagos para peixes colidos. Não faltam os colecionadores de plantas exóticas fornecidas pelas lojas da China, Ceilão e do Japão: caneleiras, craveiros da Índia, aniz, loureiros, somados aos pés de uvaia e tamarindo, camélias brancas e róseas, magnólias, florões e guirlandas em todas as cambiantes de cor e aromas. (7)

Manoel Bandeira em sua "Evocações do Recife", "lembranças do Recife, entre tantos - a Veneza americana, a Mauristad dos armadores das índias ocidentais, o dos mascotes, aqueles das revoluções libertárias", preferiu "o Recife sem mais nada, o Recife da minha infância". Conovia-se ao lembrar a casa de seu avô: "nunca pensei que ela acabasse! Tudo lá parecia impregnado de eternidade..."

Também "du temps jadis", doutora, do passado quase esquecido, do pretérito desconhecido aos homens de hoje, levanta-se a poeira do tempo e ressurgem a inesquecível morada de meu avô. Maria Antonia, luminosa via de um ninho de sonho, raiz de uma família, com tantas figuras, tão caras aos nossos corações, lembranças dos que amamos, veneramos e respeitamos, novamente a viverem e a nos levar a um tempo, dias de belezas imemoriais. Velha rua Maria Antonia, os teus mortos ressuscitados hão de sobreviver eternamente enquanto houver Amor, Dignidade, Respeito. Eternos seres amados e mui queridos. Sombras e fulgores, vida e sempiternas saudades... (8)

Notas

(1) No então arrebalde longínquo, atual bairro do Higienópolis, foi instalado o Desinfetório Municipal, órgão do renascimento italiano, conjugados a um alpendre lateral que denotava a baixa influência local, de raízes portuguesas. Outras casas residenciais, como na Vila Buarque, e Maria Antonia, eram antes obra de "muratori" e "capomastri" italianos, fazedores de residências térreas, com pórtico a repetir os cômodos da casa inteira, no alinhamento das ruas. (5)

Avenida Burchard, primeiro nome da avenida Higienópolis, congloubou Prados, Penteados e os ramos advindos de parentesco Ramos, Uchoas, Mendonças etc. A Maria Antonia abrigava fazendeiros, comerciantes, profissionais liberais, a alta burguesia. Certa César (Ascanio e outros), Rudge Ramos, Parada

tos da sociedade paulista. Das atividades do núcleo de Sanitarismo derivou-se Higienópolis, cidade da higiene, em homenagem à deusa Higiéia. O saudoso amigo dr. Roberto de Paiva Meira (diretor do I.B.G.E., no estado de S. Paulo) tinha em seus arquivos demonstrações inequívocas de que coube ao velho Sérgio Meira as honras do batismo do novo e fidalgo bairro.

(2) Não apenas o Higienópolis pertenceu a Guilherme M. Rudge, mas também a Casa Verde e a Vila Guilherme. Esta última foi vendida por 80.000\$ (cifra da época) a Guilherme Fraunt da Silva.

(3) O barão de Antonina, João da Silva Machado, nasceu em Taquari, Rio Grande do Sul, em 17 de junho de 1782, e faleceu em S. Paulo aos 19 de março de 1875, filho de Manoel da Silva Jorge e de sua mulher Antonia Maria de Biten-court. Casou com d. Ana Ubaldina do Paraíso Guimarães, deixando grande descendência. No "Archivo Nobiliarchico Brasileiro", do barão de Vasconcelos (e do barão Smith de Vasconcelos), lê-se que "de simples tropeiro tornou-se um elemento de progresso de S. Paulo, por seu perseverante trabalho e valor, alcançando uma brilhante posição". Coronel de milícias em 1829, foi deputado provincial em S. Paulo, senador pelo Paraná em 1854, diretor da Fábrica de Ferro de Ipanema e Veador Honorário de S. Majestade, a imperatriz. Residiu no Bairro do Guará, ainda além do Convento da Luz (apud Afonso de Freitas).

(4) Ver o belo trabalho "Higienópolis, grandeza e decadência de um bairro paulistano", de Maria Cecília Nacério Homem, publicado pelo Departamento do Patrimônio Histórico, divisão do arquivo histórico, vol. 17 da série "história dos bairros de São Paulo".

(5) Tudo leva a crer que a rua Maria Antonia teve seu traçado, de trilha ou caminho, passando pelas terras da filha do barão de Antonina. Eram cháos a confinar com aqueles do barão de Ramalho. Ambos, segundo a tradição e os relatos orais dos familiares, utilizavam-nos para pasto, e descanso, de suas montarias. Maria Homem obteve o depoimento de Augusto Ramos de Freitas, bisneto de Maria Antonia, que em janeiro de 1978 declarava que seus avoengos "usavam aquelas terras para pomar e pasto de seus cavalos, que eram levados por seus escravos".

O autor destas notas colheu precisos informes de Cimbelino de Freitas, pintor de paleta excepcional, neto de d. Maria Antonia, a confirmar a propriedade das terras e os seus usos. O progenitor do autor destas crônicas, Jerônimo Farina, tinha conhecimento do pretérito da região, por testemunhos pessoais e informações abalizadas, tradi-

ções orais e documentos preciosos. O seu progenitor José Farina, avô do escritor destas linhas, adquiriu terras, pertencentes a Mariano José Ramos e sua esposa Maria Antonia da Silva Ramos, nos primeiros anos do último decênio do século passado, cháos, segundo a escritura de aquisição a fazerem vizinhanças com propriedades de Joaquim Inácio Ramalho, barão de Ramalho. O velho avô, vindo da morada da rua das Flores (atual Silveira Martins, na Sé), passou a residir pouco antes da virada do século na "chácara Maria Antonia", onde construiu a casa familiar primeira.

Com a morte de Maria Antonia em 1902 passou a via a ter o seu nome. Meu avô, compadre da distinta senhora, conservou seu nome na chácara, até que anos mais tarde construiu quatro moradas, nos cháos da mesma, após retificação de rua. Lá morou até sua morte, em 1931, legando ao meu progenitor a casa principal n.º 17 onde morou também o autor, de 1932 a 1938. Foi demolido o casarão em 1954, conjuntamente com as outras casas erigidas, pertença do velho Farina, de números 13, 15 e 19, herança de outros filhos (Guido, Túlio, Cesar e Hugo).

(6) D. Veridiana era filha do barão de Iguape, Antonio da Silva Prado, próprio negociante de açúcar e de tropas, cavaleiras vindas da Província de S. Pedro do Sul e vendidas em Sorocaba. O barão recebera do governo Imperial o direito de cobrança de impostos sobre as tropas de mulas. A filha casou-se em 1838 com o seu meio-tio Martinho da Silva Prado que se tornou importante cafeicultor; o casal teve 6 filhos, quatro dos quais tiveram evidência no mundo econômico e político: Antonio Prado, ministro do arquivo histórico, vol. 17 da série "história dos bairros de São Paulo".

(7) Tudo leva a crer que a rua Maria Antonia teve seu traçado, de trilha ou caminho, passando pelas terras da filha do barão de Antonina. Eram cháos a confinar com aqueles do barão de Ramalho. Ambos, segundo a tradição e os relatos orais dos familiares, utilizavam-nos para pasto, e descanso, de suas montarias. Maria Homem obteve o depoimento de Augusto Ramos de Freitas, bisneto de Maria Antonia, que em janeiro de 1978 declarava que seus avoengos "usavam aquelas terras para pomar e pasto de seus cavalos, que eram levados por seus escravos".

O autor destas notas colheu precisos informes de Cimbelino de Freitas, pintor de paleta excepcional, neto de d. Maria Antonia, a confirmar a propriedade das terras e os seus usos. O progenitor do autor destas crônicas, Jerônimo Farina, tinha conhecimento do pretérito da região, por testemunhos pessoais e informações abalizadas, tradi-

ções orais e documentos preciosos. O seu progenitor José Farina, avô do escritor destas linhas, adquiriu terras, pertencentes a Mariano José Ramos e sua esposa Maria Antonia da Silva Ramos, nos primeiros anos do último decênio do século passado, cháos, segundo a escritura de aquisição a fazerem vizinhanças com propriedades de Joaquim Inácio Ramalho, barão de Ramalho. O velho avô, vindo da morada da rua das Flores (atual Silveira Martins, na Sé), passou a residir pouco antes da virada do século na "chácara Maria Antonia", onde construiu a casa familiar primeira.

Com a morte de Maria Antonia em 1902 passou a via a ter o seu nome. Meu avô, compadre da distinta senhora, conservou seu nome na chácara, até que anos mais tarde construiu quatro moradas, nos cháos da mesma, após retificação de rua. Lá morou até sua morte, em 1931, legando ao meu progenitor a casa principal n.º 17 onde morou também o autor, de 1932 a 1938. Foi demolido o casarão em 1954, conjuntamente com as outras casas erigidas, pertença do velho Farina, de números 13, 15 e 19, herança de outros filhos (Guido, Túlio, Cesar e Hugo).

(8) D. Veridiana era filha do barão de Iguape, Antonio da Silva Prado, próprio negociante de açúcar e de tropas, cavaleiras vindas da Província de S. Pedro do Sul e vendidas em Sorocaba. O barão recebera do governo Imperial o direito de cobrança de impostos sobre as tropas de mulas. A filha casou-se em 1838 com o seu meio-tio Martinho da Silva Prado que se tornou importante cafeicultor; o casal teve 6 filhos, quatro dos quais tiveram evidência no mundo econômico e político: Antonio Prado, ministro do arquivo histórico, vol. 17 da série "história dos bairros de São Paulo".

perior. No ano seguinte adquiriu o terreno em Santa Cecília onde construiria em 1884 um palacete, formando a nova chácara que denominou "Vila Maria". Em ambas manteve o sistema da chácara da Consolação, jardim, pomar e criação. Era o prolongamento entre a casa grande da fazenda e a residência da cidade.

(7) A. Paim Vieira em seu artigo "A Rua da Consolação no começo do século", in "Diário Popular", de 30/7/1977, lembrou que defronte à rua Araújo situava-se o velódromo que foi a primeira sede do Clube Atlético Paulistano. Dois portões davam acesso ao local, junto a um deles achava-se o abrigo da bilheteria, feito de madeira e em forma de quiosque. A sede, o campo, as arquibancadas e as acomodações para os esportistas ficavam ao fundo. Recorda Paim que no alvorecer do século haviam os clubes Paulistano, Internacional, Mackenzie, Associação Atlética das Palmeiras, Clube Germania e São Paulo Atlético Clube. O ciclismo também era praticado nesse tempo, em pista oval e sobrelevada nas cabeceiras onde faziam competições de velocidade. Começavam timidamente os esportes de patins e de "law-tenis".

Junto aos terrenos do velódromo havia uma casa térrea, ampla, isolada, no meio de um jardim tendo ao fundo uma colossais árvore de jatobá. Residência do casal Mendes Gonçalves e seus 6 filhos homens, dos quais o mais velho era o Ricardo Mendes Gonçalves, lírico a versejar sobre temas caboclos; autor da "Ipês", com poesias-cromos: Cisma o caboclo à porta da cabana/ Descamba o sol, mas rutilo espadana/ ondas fulvas de luz/ No terreiro, entre espigas desfolhadas/ arrulam perseguindo-se a bicadas/ Dois casais de pomboinhos paririus/. Ricardo Mendes Gonçalves na mocidade integrou o grupo do "Minarete", juntamente com Monteiro Lobato, Godofredo Rangel e outros talentos dessa geração. O progenitor do autor destas notas foi companheiro de infância e juventude de Ricardito, ambos integrantes daqueles grupos que se degladiavam em confrontos de jovens dos bairros Vila Buarque e Consolação/ Maria Antonia. Só uniam-se, juntando forças nas rixas com a juventude de Santa Cecília.

A chácara de d. Veridiana era na rua da Consolação, com sobrado de taipa no século XVIII que ficava ao lado da igreja. A chácara se estendia até a altura das atuais avenida 9 de Julho e rua Augusta. Nessa casa vivia desde 1848 e usava-a, quando passava temporada em S. Paulo ou para dar a luz a seus filhos, deixando a Fazenda Campo Alto onde residia com o marido. Em 1877 separou-se do marido e ficou ocupando a parte inferior daquela casa destinando ao mesmo a parte su-

e mui bondosa senhora Camargo era o centro de atenções em um convívio alto, culto aos valores da família e da sociedade, elevação e simplicidade. Ciro Camargo, assistente da cadeira de Fisiologia (prof. Fraklin Moura Campos), deu grandes dimensões ao ensino, principalmente à nova disciplina de endocrinologia. Suas aulas atraíam a mocidade estudiosa, nem sempre amiga das aulas teóricas, mas que, de suas palavras plenas de interesse, absorviam os tesouros da patologia que tão sabiamente distribuía. Deixou em sua trajetória terrena as marcas perenes de operosidade, labor continuado e alta ciência. Paulo Sawaja, médico e grande mestre da Zoologia lá tinha sua morada. Sua mana ficou a dizer de um tempo de sonho da mocidade estudiosa no Colégio Universitário da escola do Araçá, na disciplina de Zoologia. A eterna irreverência dos jovens apelidaram-na de "dona Flagelata", alusões a protocolos e ameaças, motivos de suas aulas de Microscopia, preparo e prólogo da Parasitologia. Na rua Maria Antonia estadeou sua verve, estudante e médico, o saudoso Silvío Tobias Napoli, morto precocemente, colhido pelos misteriosos desígnios da fatalidade. Seu passo rápido, acelerado ficou ecoando nas velhas calçadas desaparecidas na distante curva do tempo, a lembrar momentos de companheirismos e projetos para um futuro promissor que não viria. Lá, vizinhos, primos-irmãos, residiram nas que foram mansões de seus avós, Dulio e Oscar Farina, da turma 1947 da escola Arnaldo Vieira de Carvalho. Os três demais primos, Sérgio, Carlos Alberto e Roberto, cursaram a Academia de Direito de S. Francisco. Este último pediatra e psicólogo da Infância, recebeu por livro sobre "Hipnose", o mais alto prêmio concedido pelos especialistas da América do Norte, a galardão trabalhos, esforços e cultura. Um dos moços Parada de Oliveira, médico, ligou-se à velha Misericórdia paulistana, em jornadas de labor e benemerência.

Lá tiveram também morada os moços Samuel, Elias e Joel de Melo, florões do lar do velho Melo e de dona Preciosa, lusitanos a entredemonstrar os agasalhos de simplicidade, porfia, fé cristã indômita, também levados cedo pela flecha do destino, engrandeceram o Mackenzie College, forja de suas formações, e anelos cristãos da fé de seus progenitores. O velho caudice dr. Corrêa, advogado, deixou filhos continuadores de sua fidalguia, paulista de quatro costados, e um deles, também aviador (Iraí), herói das jornadas constitucionais. O dr. Ascânio Cerqueira César, já víduo, com filha e neta, últimos encantos de dias felizes e de

muita saudade, desapareceu para sempre no carroussel do tempo, mas a deixar perenes lembranças de uma vida patriarcal, semeira de amor e elevação do espírito. Os Rudge Ramos, no começo do século, a mourejar com molhados e secos, usufruíam, por justiça e méritos, os abonos das jornadas laboriosas, em palacete erguido ao lado da antiga tenda de trabalho, agora nas mãos do filho de Nápoles, sr. Sica, que, ao voltar para o seu "paese", trajado a rigor, pediu licença para, de casa em casa de antigos clientes, realizar visita de respeito e até nunca mais... O dentista Floriano Van Toll, alto, dois metros de altura, muito magro, sempre maneiroso a distribuir chapeladas, em cumprimentos repetidos e continuados. Perdeu seu filho menor, na explosão de uma pedreira, lá para os lados de Itapeperica. Respeito e desolação, da comunidade de uma rua Augusta, rua Maria Antonia, a viver com cerimônias e profundo respeito, os eventos de felicidade e dor... Expressões de uma cordialidade antiga... Lembranças indeleveis, presenças impossíveis de serem apagadas dos recônditos da lembrança e da saudade!

Na Consolação, a vinte passos, as oficinas de trabalho dos velhos Munhoz, Pinus e Hammermez, ninho de águas da ciência esculpina, filhos que orgulham os cháos paulistas. Também a Mercaria dos Concílio. Generoso Concílio, lídima expressão do esculpão da Casa de Arnaldo, deixou perenes lembranças de humanismo e profícua medicina. Vasco Alvim Coelho, estudante das Arcadas, em 1932, "deixou a folha do brada, enquanto se ia morrer". Encabegou o grupo que levou Pedro de Toledo, em carreta, puxada pela mocidade das escolas superiores, ao derradeiro repouso, no cemitério da Consolação. Estamos a vênios e a bandeira das treze listras, derradeiras homenagens de Piratininga ao seu filho maior, a avançar pelas ruas Martin Francisco, Higienópolis, Sabará. Honra e glória, última trincheira que não se rendeu. Vasco, advogado brilhante, vereador, secretário municipal, ficou a resplandecer com sua figura, plena de euforia permanente, em irradiações de amizade e solidariedade. Na rua Vila Nova vicejou o Colégio Rio Branco, sonho de Antônio Sampaio Doria e realização também dos professores Norton, Cattony, Moisés Givovate, Idel Becker, Damasco Pena, e tantos mais. Via Maria Antonia, nos anos trinta, passagem dos alunos do Rio Branco, Escola Americana, Mackenzie College, Colégio Sion e Colégio das Cônegas de Santo Agostinho (Des oiseau), meninas-moças, "entranbertos botões e entrefechadas rosas", mães, irmãs, esposas e filhas de nossa geração...

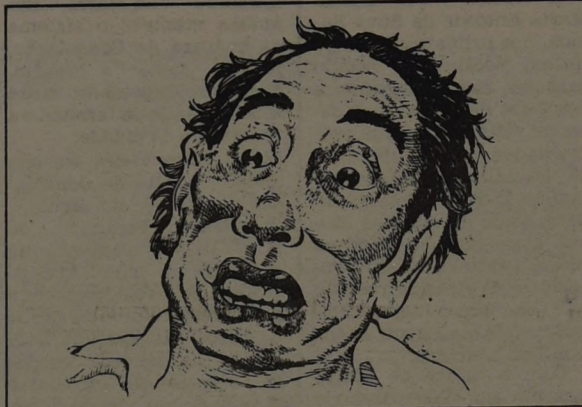
A volta da nau dos loucos

Guido Arturo Palomba

Quando Asclepiades Betino (médico grego, amigo íntimo de Cícero) cunhou o nome Alienado Mental (*alienus*, alheio), o fez ao notar que o *furiosus* (louco) era alheado, posto de lado pelas pessoas e até pelos cães, que latiam ao ver um deles passar. Esses infortunados indivíduos eram esconderados dos muros das suas cidades, quando não embarcados em naus, para serem deixados em longínquos portos, como alguns países fazem hoje com o lixo atômico. As estranhas barcas ficaram conhecidas como a Nau dos Loucos e tiveram existência real até o século XV, quando começaram a nascer as primeiras casas específicas para abrigar os desvalidos de razão. Recolhido no hospício (*hospitium*, amparo) o louco já não mais

ficava errante à mercê das intempéries, da fome e da mediocridade dos homens que o alheava. A partir desse momento loucura e louco começam a salvar-se da falta de caridade, não exatamente exercida de forma dolosa, mas culpável, que arrastava a todos numa ignorância complacente e embutida. Entretanto, o conhecimento científico dos mistérios da loucura ainda estava envolto nos densos nevoeiros do desconhecimento. Apenas alguns efêmeros relâmpagos da hipótese aclaravam de quando em quando o entendimento sobre essa grande desdita que se chama doença mental.

Vieram os anos e, com eles, na falta das luzes da ciência, muitos abusos foram praticados dentro dos hospícios, a ponto de ficar sob o mesmo teto o louco, a prostituta, o delinquente e o doente venéreo! Felizmen-



te, no dealvar do século XIX, quando o classicismo psiquiátrico já havia assentado importantes pedras, a loucura humana ganha um mito, que a ajudará a libertar-se da ignorância e das ignomínias praticadas contra os doentes mentais. Nasce para o mundo da vezânia Philippe Pinel, médico alienista em Bicêtre, que

deu dignidade ao louco, libertando alienados mentais que viviam acorrentados nas celas daquele hospício. O primeiro a se ver livre das correntes foi Couthon, o capitão homicida; depois, Chervin, que julgava-se grande general. Foram desacorrentados mais dez.

O importante não é o fato de algumas correntes terem

sido arrancadas, e sim a aura mágica que deu sentido a essa libertação. Ao abri-las, deixou livre o caminho da moralidade, criando, idealmente, a via modelar que leva ao hospício humanitário. Hospício, não jaula de homens, ignorância selvagem, vergonha imensurável. Algo acabara de nascer, que não mais a repressão, porém a autoridade.

Com Pinel o hospício veio a ter a sua real finalidade: amparar doentes mentais para que tenham tratamento adequado e possam reintegrar-se satisfatoriamente na sociedade.

Infelizmente, hoje em dia, escutam-se vozes que se levantam contra os hospitais psiquiátricos, propondo sumariamente o seu fim, como se não houvesse entre os milhares de doentes mentais alguns que realmente precisam de amparo hospitalar. Doença mental é doença como qualquer ou-

tra, com seu conjunto próprio de sinais e sintomas. Muitas vezes é necessário internar um caso de câncer, de AIDS, de infarto do miocárdio, como também é necessário internar um esquizofrênico, um maniaco, um toxicômano!

Dizer não aos hospitais psiquiátricos é falta de juízo, é querer voltar à época da Nau dos Loucos, dos loucos errantes e desamparados, época em que a cultura e a ciência psiquiátricas não existiam.

No entanto, os barqueiros de então se beneficiavam com aquele triste transporte humano. É que mercadejavam a "imprestável carga" com outra pres-tável ou dinheiro. E agora, quais mercadorias pretendem esses sinistros arrais hodiernos? Resposta: votos políticos, politicagem, ainda que para isso leve ao desamparo os seus semelhantes.

A morte de Hipócrates

Walter Pinheiro Guerra

Acredito que poucos saibam das condições em que morreu Hipócrates. Há tempos ouvimos de nosso distinto colega Arthur de Almeida, cuja cultura geral é por muitos apreciada, curiosa versão sobre o desaparecimento do Pai da Medicina.

Ouvia-a, por sua vez, de outro estudioso médico recém-falecido, dr. Hélio Mauro, que revelou o episódio em antigo programa cultural de TV.

Captel-o, como o ouvi do dr. Arthur de Almeida, cabendo-me, apenas, redigir da forma como entendi essa surpreendente versão. Preliminarmente, gostaria de lembrar aos colegas mais jovens que Hipócrates brindou-nos com seus célebres "Aforismos", ainda válidos em muitos aspectos.

Com a genialidade que o distinguiu entre seus contemporâneos, que, vencendo os séculos, chegou até nossos dias, surpreendentes que apenas com a lógica e o raciocínio de que foi dotado pelos deuses houvesse vislumbrado tantas verdades ainda hoje aceitas.

De conformidade com o relato que apanhei, provavelmente lendário, como lendária é a figura de Hipócrates, um quase mito ou semideus, padeceu, todavia, de morte trivial, em desacordo com seu porte e fama universais.

Foram admiráveis seu talento e perspicácia. Porém, como ser humano, abrigava no íntimo virtudes e falhas inerentes à condição de

mortal. Dentre estas, a vaidade morava em seu coração. Em meio aos numerosos discípulos que acorriam de todo o mundo, veio da Pérsia um inteligente e devotado aspirante a abeberar-se de seus conhecimentos.

Dedicado aos estudos como poucos, caracterizava-se pela infatigável curiosidade que o levava a formular ao sábio mestre perguntas constantes, nem sempre atendidas. Reservava-se o emérito professor em não ensinar tudo o que sabia! Era, portanto, egoísta!

Terminado seu "curso", que nada mais era do que um estágio sob a égide do extraordinário sábio, a este cabia julgar quanto ao término da preparação que concedia aos ouvintes: o direito de curar seus semelhantes.

Somente Hipócrates podia avaliar a capacidade de seus seguidores na arte de curar. O final era o secular e significativo Juramento, que é ainda proferido por cada um de nós ao colar o ambicionado grau. Retornando a seu penates, o novo esculápio ganhou tão grande fama que transpôs as fronteiras da Pérsia.

Enciumado e descrente da sabedoria de seu ex-aluno, combinou-se uma disputa entre ambos, em praça pública. O povo ao redor acompanhava com desusado interesse o estranho prélio. Correspondia a cada um dos litigantes preparar uma poção venenosa e seu respectivo antídoto, que deveria ser ingerida pelo adversário perante a multidão.

Deglutida a mistura mortal, urgia, em seguida, be-

ber o antídoto. Pelo sorteio, cumpria ao primeiro, Hipócrates, iniciar a mortal luta, cruzando suas armas. Não eram, porém, armas comuns, como espadas, lanças ou punhais.

Tratava-se de armas elaboradas pela ciência de cada um dos contendores, fruto de seus estudos, pesquisas e conclusões quanto aos efeitos da droga. O discípulo, tranqüilo e seguro de sua formação, serenamente ingeriu seu conteúdo, repetindo o gesto ao sorver o contraveneno.

Ante a admiração popular, permaneceu incólume, vivo e são, como dantes. Chegara o momento atroz para o renomado terapeuta que ministrara conhecimento de arte de curar a discípulos sem conta. Nervoso, trêmulo e pálido, Hipócrates levou aos lábios a taça fatídica. Bebeu do veneno e logo após, temeroso e angustiado, derramou na boca o líquido salvador: o antídoto. Geral e soturna expectativa!

Os segundos corriam céleres na ampulheta. Face ao pânico e constrangimento dos circunstantes, foi aos poucos derreando o corpo, até tombar ao solo!

Morrera o Pai da Medicina! Triunfante e cheio de si, o contendor contemplava a cena. Agitação e murmúrios na multidão. Acabava-se de assistir a um inédito espetáculo, que não fora obra de nenhum dos dramaturgos de que a Grécia foi berço... Fora, tão somente, um duelo da inteligência e do conhecimento entre os dois esculápios, estudiosos e praticantes da divina arte de curar, por meio das drogas.

A curiosidade apassara-se de todos. Qual teria sido o fulminante veneno utilizado pelo jovem médico, que aprendera com o antigo mestre, de cuja morte se tornara o culpado?

O médico persa nada demais adicionara à taça do veneno. Encherá-a, simplesmente, com a prosaica água que todos sorvemos durante a vida!

Aquela mesma água que Hipócrates tantas vezes preconizara, através das modalidades da hidroterapia. Seu contendor servir-se do mais inofensivo dos placebos, como os que se utilizam nos testes terapêuticos ainda hoje.

O grande mestre morrerá de medo, de pavor! Ele, que fora o precursor da medicina psicossomática, ao vislumbrar que as doenças da mente repercutem no físico, e vice-versa, fora vítima de um vão temor!

A inquietação, o "stress", como que bloqueou, siderou suas funções vitais, levando-o ao êxito letal. Ocorre, todavia, modalidade de morte parcial ou fragmentada de Hipócrates cada vez que um médico transgride o solene Juramento que nos comprometemos cumprir como seus discípulos e guardiães da ética profissional, pelos séculos afora. Cada agressão ao código que nos comprometemos em zelar, que por ele nos foi legado; assemelha-se a uma punhalada desferida contra o venerando e por vezes esquecido mestre de todos nós.

* Dedicado a Guido Arturo Palomba, esforçado coordenador do Suplemento Cultural da APM.

Rostos

Fabiola

Rostos de papel
De cera e de fel
Rostos a granel
Sem cores e sem véu

Rostos pelas ruas
calçadas e alturas
rostos pelos muros
janelas e futuros

*Rostos...
Mudos - Falantes
Trágicos invocam
Delírios de morte e paixão.
Rostos de réus

com apelos e sem chapéus
Rostos de impostores
De horrores e atores

Rostos sem riso
com lamentos concisos.

Rostos que me dizem
Ter fuligem e vertigem
Ter esquecido o que
buscavam...

Rostos que não sonham
e já quase mortos
apenas cobrem a caveira.

* Fabiola cursa o último ano de medicina na Escola Paulista.

Vento-branco

Carlos Roberto Hojaij

Uma página em branco
Prá escrever o teu nome
Prá dizer o que sinto.

Uma página sem nome
Prá dizer todo amor
Prá escrever sem dizer.

Uma página tal vento

Prá escrever que se sente
Prá dizer não se tem.

Uma página em branco
Que tudo diz sem mostrar
Que nada tem a provar.

Teu nome é
Vento-branco
Escrito em
Página-de-vento.

DEPARTAMENTO CULTURAL

Carlos Alberto Salvatore - presidente

Anneliese R.F. Thon
Carlos Kleber Canova

Tertúlia

Cássio Ravaglia - Divulgação
Guido Arturo Palomba - Biblioteca e Suplemento Cultural
Heber Maia de Mattos - Música

Nelson Pedral Sampaio
Wanda Gonda

Pinacoteca